AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ENTRE O INATO E O APRENDIDO[1]

Katielyne Coelho Cruz Rocha

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

RESUMO

O presente trabalho apresenta um panorama histórico e teórico da Linguística, investigando sua consolidação como ciência e as principais correntes que explicam a aquisição da linguagem. Inicialmente, mostra que a Linguística se consolidou como ciência quando passou a definir a língua como objeto específico de estudo, deixando de lado uma visão apenas filosófica, lógica ou normativa. Dessa forma, destaca-se o papel de Ferdinand de Saussure, cujo estruturalismo definiu a língua como um sistema de unidades inter-relacionadas e objeto central de estudo. O behaviorismo, representado por Skinner, concebe a linguagem como um comportamento aprendido por meio de estímulo, resposta e reforço. Em contraposição, Noam Chomsky introduz o inatismo, argumentando que o ser humano possui uma capacidade genética e cognitiva específica para a linguagem, evidenciada pelo uso criativo da fala que ultrapassa os modelos externos recebidos. Por fim, o texto aborda o funcionalismo e o interacionismo. Enquanto o primeiro foca na língua como instrumento de interação social e comunicação situada, o interacionismo de base piagetiana propõe que a aquisição da linguagem resulta da articulação entre o desenvolvimento cognitivo interno e a experiência no ambiente social. Conclui-se que as teorias linguísticas não surgem isoladamente, mas em continuidade, reformulação e ruptura, ampliando a compreensão sobre como a linguagem é adquirida. Embora apresentem divergências metodológicas, mantêm o fenômeno linguístico como eixo central de investigação científica.

Palavras-chave: Linguística, Estruturalismo, Inatismo, Behaviorismo, Aquisição da Linguagem.

INTRODUÇÃO

A Linguística, de modo geral, é compreendida como o campo científico que se dedica ao estudo da linguagem. Entretanto, o próprio termo “linguagem” comporta múltiplos sentidos, podendo referir-se à linguagem corporal, à linguagem dos animais, à linguagem de sinais, entre outras manifestações. No âmbito dos estudos linguísticos, contudo, a linguagem é concebida como a capacidade especificamente humana de comunicar-se por meio de línguas naturais.

Durante séculos, as reflexões sobre a língua estiveram vinculadas à lógica, à filosofia e às gramáticas normativas, com ênfase na descrição e, sobretudo, na prescrição dos usos considerados corretos. Foi apenas no século XIX, com o desenvolvimento da gramática comparada e dos estudos histórico-filológicos, que as investigações passaram a adotar procedimentos mais sistemáticos, buscando maior rigor metodológico. Ainda assim, é no início

[1] A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ENTRE CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS: UM ESTUDO OBSERVACIONAL DOS GESTOS DURANTE A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA. - Proling-UFPB.

do século XX que se consolida um marco decisivo para a constituição da Linguística como ciência: a definição da língua como objeto específico de investigação.

O processo pelo qual a criança, inicialmente não falante, torna-se usuária competente de sua língua materna constitui um dos fenômenos que impulsionam as pesquisas no campo. Diversas correntes teóricas passaram a compreender a língua como estrutura ou como sistema, propondo diferentes explicações para sua organização e funcionamento.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nesse contexto, destacam-se as contribuições de Ferdinand de Saussure, cujas ideias, sistematizadas no *Curso de Linguística Geral*, estabeleceram fundamentos teóricos que redefiniram a maneira de conceber o fenômeno linguístico. Para Saussure, a língua é um sistema constituído por unidades inter-relacionadas que obedecem a princípios próprios de funcionamento, formando um todo organizado. Essa concepção dá origem ao estruturalismo, perspectiva segundo a qual a língua é composta por elementos que se articulam de acordo com leis internas estabelecidas no próprio sistema.

> Formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema. (Costa, 2008, p. 114)

Sob essa ótica, o funcionamento das unidades linguísticas é regulado por normas internalizadas pelos falantes desde a infância, no convívio social, manifestando-se no processo de aquisição da linguagem. Outro aspecto central na obra saussureana é a distinção entre as perspectivas sincrônica e diacrônica: a primeira dedica-se ao estudo da língua em um determinado recorte temporal, enquanto a segunda investiga suas transformações ao longo do tempo.

Na tradição estruturalista europeia, a língua é concebida como forma e não como substância, devendo ser estudada em si mesma e por si mesma, concepção conhecida como estudo imanente da língua. Nessa perspectiva, privilegia-se a organização interna do sistema linguístico, deixando em segundo plano as relações entre língua, história e sociedade. Para Saussure, a língua constitui um sistema socialmente compartilhado, depositado virtualmente nos indivíduos que integram uma mesma comunidade linguística. Embora possua caráter social, ela não pode ser modificada individualmente, pois resulta de convenções coletivas.

> O entendimento saussureano é o que a língua corresponde à parte essencial da linguagem e constitui um tesouro - um sistema gramatical - depositado

> virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. (Costa, 2008, p. 116)

A consolidação do estruturalismo representou um momento fundamental para a afirmação da Linguística como ciência, ao delimitar seu objeto de estudo e estabelecer procedimentos descritivos mais rigorosos. Contudo, ao centrar-se predominantemente na organização interna da língua, essa abordagem acabou por marginalizar dimensões históricas e sociais da linguagem. É justamente a partir dessas limitações que emergem, posteriormente, correntes teóricas que ampliam o horizonte de investigação, incorporando ao debate questões relativas ao sujeito, à interação, às práticas de uso e, em desenvolvimentos posteriores, ao discurso como espaço de produção de sentidos.

Com a solidificação do paradigma estrutural, diversas vertentes passaram a desenvolver modelos na tentativa de aprofundar os estudos em aquisição de linguagem das línguas naturais. Mesmo apresentando diferenças teóricas e metodológicas, essas correntes compartilham a centralidade atribuída à estrutura linguística e o compromisso com procedimentos analíticos rigorosos, privilegiando as relações internas entre as unidades do sistema e atribuindo menor relevância a fatores históricos e sociais na explicação do funcionamento da linguagem.

Nesse contexto, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, ampliaram-se e diversificaram-se os desdobramentos do estruturalismo, resultando na formulação de novos programas de pesquisa. No cenário norte-americano, destacam-se as contribuições de Leonard Bloomfield, cujas propostas fundamentaram o distribucionalismo e estabeleceram interlocução com o behaviorismo, que passou a constituir um de seus principais eixos teóricos. Entre as primeiras abordagens sistemáticas sobre a linguagem e sua aquisição pela criança, sob essa perspectiva, encontra-se a proposta de B. F. Skinner. Alinhado às ideias comportamentalistas de Watson, considerado o precursor do behaviorismo, Skinner dedicou, em 1957, a obra *Verbal Behavior* ao estudo do comportamento verbal e de seu funcionamento.

Na perspectiva behaviorista, a linguagem é compreendida como um conjunto de respostas verbais associadas a situações específicas, organizadas segundo o esquema estímulo-resposta, característico do condicionamento. Tal modelo busca explicar a formação de hábitos verbais, definindo a linguagem como a soma dos comportamentos aprendidos pelo indivíduo. Nesse sentido, a aquisição ocorre por imitação e reforço, sendo a aprendizagem entendida como treinamento. A linguagem, portanto, é concebida como mais um comportamento entre outros, sem especificidades próprias. O processo de aquisição é descrito como gradual, baseado na acumulação de reforços, cabendo ao adulto fornecer os modelos de palavras e estruturas que a criança reproduz.

Entretanto, o modelo behaviorista recebeu críticas consistentes, especialmente por parte de Noam Chomsky. Segundo o linguista, a proposta de Skinner não oferecia uma explicação satisfatória da complexidade da linguagem humana por, ao menos, três razões principais: baseava-se em experimentos laboratoriais com animais; empregava uma terminologia excessivamente ampla para conceitos centrais como estímulo, resposta e reforço; e não explicava adequadamente o fato de que a criança produz enunciados que ultrapassam o modelo fornecido pelo adulto. Essa última questão sugeria que a aquisição da linguagem não poderia ser atribuída apenas ao condicionamento externo, mas envolveria disposições internas do próprio sujeito.

A partir da década de 1960, em reação ao behaviorismo, consolidou-se uma nova abordagem para a compreensão da aquisição da linguagem: o inatismo. A teoria chomskiana, ao enfatizar o caráter criativo da linguagem, sustenta que o ser humano dispõe de uma capacidade inata específica para a aquisição linguística, deslocando o foco explicativo do ambiente para as estruturas cognitivas internas. Nesse pensamento, os seres humanos são vistos como seres diferentes de quaisquer outros, visto que eles possuem configurações neurológicas únicas, sendo assim, as teorias podem prever algum tipo esperado de comportamento, porém, não podem garantir que tal comportamento ocorrerá fidedignamente em toda espécie humana. Segundo Quadros (2017, p. 26), "A linguagem, nessa concepção, não pode ser confundida com um tipo de habilidade. É justamente o uso criativo da linguagem que evidencia que não é uma questão de habilidade que entra em jogo quando uma pessoa utiliza a linguagem."

Segundo Chomsky, o processo de aquisição da linguagem não pode ser limitado apenas aos mecanismos de associação e generalização, já que tais fenômenos não dariam conta de explicar como uma criança consegue aprender um sistema tão complexo de regras com um número restrito de falas. Para o autor, essa capacidade está relacionada à herança genética da criança, associada com sua capacidade de testar hipóteses.

Nesse contexto, a teoria gerativa defende que os indivíduos são dotados de uma capacidade inata para a linguagem e possuem um conhecimento sobre o sistema linguístico, chamado de competência, ou seja, uma criança exposta a tão poucas fontes conseguirá desenvolver um sistema tão complexo de fala em pouco tempo. Assim:

> Os princípios que regem a capacidade de gerar estruturas são os da produtividade e recursividade, relacionados com a propriedade da discreta infinitude, ou seja, através de meios finitos é possível gerar infinitas possibilidades. Assim, o conjunto possível de sentenças de uma dada língua é infinito. (Quadros, 2017, p. 30)

Em contraposição aos modelos de orientação estritamente formalista, diversas correntes passam a privilegiar a linguagem em uso, considerando-a em situações concretas de interação. Essas abordagens deslocam o foco exclusivo da estrutura interna para o funcionamento comunicativo, para os contextos de produção dos enunciados e para a articulação entre formas linguísticas e práticas sociais. Assim, a língua deixa de ser concebida apenas como um sistema autônomo e passa a ser compreendida como uma atividade situada, vinculada a objetivos comunicativos, papéis sociais e condições específicas de interlocução.

> Os funcionalistas percebem a língua como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa - que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. (Cunha, 2008, p. 157)

Em paralelo, pesquisas sobre aquisição da linguagem, concentradas na Psicolinguística, e cuja característica principal é considerar que o indivíduo interage ativamente com o ambiente e que este último é a fonte de suas transformações qualitativas, vão ganhando espaço científico de discussões e pesquisas.

Uma das vertentes do chamado interacionismo apoia-se na teoria piagetiana e ressalta as relações entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento cognitivo geral. Essa abordagem partilha com as teorias linguísticas inatistas a ideia de que o desenvolvimento é, antes de mais nada, guiado por uma estruturação interna e que a linguagem é um sistema simbólico governado por regras. Entretanto, a linguagem é considerada como uma das formas da cognição e sua aquisição é determinada pelo desenvolvimento das capacidades cognitivas gerais.

Para Piaget (1978), as estruturas da linguagem da criança não são nem inatas nem adquiridas, mas resultam da interação entre um certo nível de desenvolvimento cognitivo e um determinado ambiente linguístico e social. Segundo o autor, a aquisição da linguagem decorre da articulação entre fatores endógenos, relacionados à maturação orgânica e ao desenvolvimento das estruturas cognitivas da criança, e fatores exógenos, vinculados às interações sociais e às experiências construídas por meio da vida social. Por intermédio dessa troca, a criança adquire conhecimento e constrói seu acervo linguístico.

A discussão sobre a aquisição da linguagem exige, portanto, que se considere não apenas o domínio progressivo das formas linguísticas, mas também as condições em que a criança participa de práticas comunicativas. A distinção entre língua enquanto sistema e linguagem enquanto atividade não significa que essas dimensões sejam excludentes. Ao contrário, permite

compreender que a criança se apropria de regularidades linguísticas ao mesmo tempo que participa de situações nas quais os enunciados assumem funções e produzem efeitos. Essa articulação torna-se especialmente relevante quando se observa a linguagem em contextos cotidianos, nos quais a compreensão, a intenção comunicativa e a relação com o interlocutor participam da construção dos sentidos.

Nesse ponto, a perspectiva funcionalista oferece elementos importantes para ampliar a compreensão do fenômeno. Ao tomar a situação comunicativa como parte da explicação dos fatos linguísticos, essa abordagem chama atenção para a relação entre escolhas formais, propósitos dos falantes e contexto discursivo. Como assinala Cunha (2008), o estudo da língua não deve se limitar à estrutura gramatical, uma vez que os usos são motivados também pelas condições de interação. No campo da aquisição, esse olhar permite perguntar não somente quais formas a criança já utiliza, mas para que as utiliza, com quem interage e em quais circunstâncias determinado recurso linguístico se mostra pertinente.

A observação dos usos infantis também evidencia que a aquisição não se resume à reprodução de enunciados ouvidos. A criança participa ativamente das trocas, interpreta as ações dos interlocutores, experimenta possibilidades de expressão e reorganiza suas produções ao longo do desenvolvimento. Em situações comunicativas, uma mesma forma pode desempenhar funções distintas, assim como uma mesma intenção pode ser expressa por recursos variados. Por isso, a análise da linguagem infantil precisa considerar o contexto em que a produção ocorre, os participantes envolvidos e a sequência de ações que antecede e sucede cada enunciado. Essa atenção ao acontecimento comunicativo contribui para evitar interpretações isoladas de palavras ou estruturas.

A contribuição de Piaget, por sua vez, permite compreender a aquisição da linguagem em relação ao desenvolvimento cognitivo. Em *A formação do símbolo na criança*, o autor discute a construção da função simbólica e as transformações que possibilitam à criança representar algo que não está imediatamente presente. A imitação, o jogo simbólico e a representação constituem manifestações importantes desse processo, pois indicam mudanças na maneira como a criança se relaciona com objetos, acontecimentos e pessoas. Nessa perspectiva, a linguagem integra um conjunto mais amplo de possibilidades representativas, não sendo explicada como resultado exclusivo de uma capacidade linguística isolada (Piaget, 1978).

Essa abordagem contribui para pensar a relação entre ação, representação e linguagem sem estabelecer uma correspondência automática entre o desenvolvimento cognitivo e o aparecimento de determinadas formas linguísticas. A criança constrói conhecimentos nas

relações que estabelece com o meio e reorganiza suas estruturas a partir das experiências vivenciadas. Assim, os aspectos individuais do desenvolvimento não podem ser separados das situações concretas em que a criança age, observa, experimenta e interage. Chiarottino (2017), ao discutir a epistemologia genética e a aquisição da linguagem, oferece subsídios para compreender essa relação entre a construção do conhecimento e o desenvolvimento das possibilidades de representação.

É importante, contudo, distinguir as diferentes propostas reunidas sob a denominação de interacionismo. A perspectiva piagetiana enfatiza a construção do conhecimento pelo sujeito e a relação entre desenvolvimento cognitivo e experiência; outras abordagens interacionistas atribuem maior centralidade às relações sociais e aos processos dialógicos na constituição da linguagem. Embora compartilhem a crítica a explicações que reduzem a aquisição a um único fator, essas perspectivas não são idênticas. Reconhecer suas especificidades evita tratar como equivalentes conceitos que pertencem a quadros teóricos distintos e permite compreender a diversidade de questões que atravessam o campo da aquisição da linguagem (Silva, 2009).

Percebe-se que cada corrente teórica ilumina dimensões particulares do fenômeno. O estruturalismo contribuiu para delimitar a língua como sistema e para desenvolver procedimentos de descrição; o behaviorismo procurou explicar a aprendizagem por meio das relações entre estímulos, respostas e reforços; o gerativismo destacou a criatividade linguística e a importância de capacidades internas; já as abordagens funcionalistas e interacionistas ampliaram a análise ao considerar os usos, os contextos, a atividade do sujeito e as experiências de interação. Não se trata de estabelecer uma hierarquia simples entre essas teorias, mas de reconhecer suas perguntas, seus pressupostos e os limites de cada explicação.

No estudo da aquisição da linguagem, essa pluralidade teórica tem consequências metodológicas. A escolha de uma perspectiva orienta o que será observado, quais dados serão considerados relevantes e como serão interpretadas as produções da criança. Uma investigação centrada exclusivamente nas estruturas pode privilegiar regularidades formais; uma análise voltada aos usos tende a observar as funções dos enunciados e as condições de sua ocorrência; já uma abordagem relacionada ao desenvolvimento cognitivo pode examinar as relações entre representação, ação e construção do conhecimento. Em todos os casos, é necessário explicitar os pressupostos que orientam a análise, para que as interpretações estejam coerentes com o referencial adotado.

Desse modo, compreender a aquisição da linguagem implica reconhecer um processo complexo, no qual diferentes dimensões podem ser investigadas sem que uma delas seja tomada, antecipadamente, como explicação suficiente para todas as demais. A linguagem é,

simultaneamente, um sistema organizado e uma prática humana situada; envolve regularidades, criatividade, capacidades do sujeito e experiências construídas nas relações com o mundo. O diálogo entre as correntes teóricas, desde que respeitadas suas diferenças, favorece uma compreensão mais abrangente do fenômeno e permite formular perguntas de pesquisa mais precisas sobre como a criança se constitui como sujeito de linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o percurso da Linguística, desde sua consolidação com o estruturalismo de Ferdinand de Saussure até os estágios de desenvolvimento de Piaget, é possível perceber que as teorias não surgem de forma isolada ou desvinculada de seu contexto histórico, mas fica evidente que são construídas gradualmente, por meio de continuidades, reformulações e também rupturas. Embora haja críticas e quebras de paradigmas e deslocamentos teóricos, o objeto central permanece a língua, e as diferentes perspectivas dialogam entre si.

REFERÊNCIAS

CHIAROTTINO, Zelia Ramozzi. Epistemologia genética e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller; FINGER, Ingrid (org.). **Teoria da aquisição da linguagem**. São Paulo: UFSC, 2017. p. 49-67.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 113-126.

CUNHA, Angélica Furtado. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

QUADROS, Ronice Müller. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller; FINGER, Ingrid (org.). **Teoria da aquisição da linguagem**. São Paulo: UFSC, 2017. p. 25-48.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A gênese teórica do campo da aquisição da linguagem. In: SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009. p. 29-82.